



VITAL, Christina. *Oração de traficante*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. 432 p.

Rodrigo Toniol



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1427>

ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 31 Julho 2016

Paginação: 481-485

ISSN: 0104-7183

Refêrencia eletrónica

Rodrigo Toniol, « VITAL, Christina. *Oração de traficante*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. 432 p. », *Horizontes Antropológicos* [Online], 46 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1427>

VITAL, Christina. *Oração de traficante*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. 432 p.

Rodrigo Toniol*

Universidade Estadual de Campinas – Brasil

Em um texto originalmente apresentado em 1938, Michel Leiris (1995, p. 102-103, grifo do autor, tradução minha) pergunta: “O que é, para mim, o sagrado? Mais exatamente: em que consiste o *meu* sagrado?” E continua sua inquirição:

Quais são os objetos, os lugares, as circunstâncias que despertam em mim esse misto de temor e de apego, essa atitude ambígua determinada pela aproximação de algo ao mesmo tempo atraente e perigoso, prestigioso e rejeitado, esta mistura de respeito, de desejo e de terror que pode passar pelo sinal psicológico do sagrado?

Na sequência dessas questões, Leiris elabora uma espécie de fenomenologia do sagrado, descrita a partir de suas próprias experiências, de fatos muito simples colhidos na vida cotidiana e muitas vezes situados fora do âmbito do religioso institucional. Apesar da ênfase no caráter individual da experiência, essas reflexões também nos dão valiosas pistas para tratar do *sagrado na vida cotidiana* em termos mais amplos. Colocando-as em diálogo com os estudos sobre conversão, por exemplo, elas nos permitiriam escapar de modelos de análise que, de forma mais ou menos evidente, estão forjados conforme o paradigma paulino, que enfatiza o caráter radical, súbito e absoluto da transformação do converso. Em contrapartida, levando adiante esse diálogo imaginado com a obra de Leiris, essas pesquisas poderiam enfatizar menos o voluntarismo e mais as transformações das experiências cotidianas do sagrado por parte dos convertidos.

A etnografia de Christina Vital, *Oração de traficante*, está atravessada por essa produtiva articulação entre processos de conversão e transformações

* Em pós-doutoramento (bolsista Fapesp). Contato: rodrigo.toniol@gmail.com

na experiência com o sagrado. A autora, baseada numa sistemática pesquisa de campo que ultrapassa uma década de observação e entrevistas na favela de Acari e, mais brevemente, na Santa Marta, ambas no Rio de Janeiro, elabora uma potente prosa etnográfica que permite ao leitor adensar o entendimento sobre a mudança no perfil religioso das periferias entre meados da década de 1990 e meados dos anos 2000. No livro, os conhecidos dados quantitativos sobre a consolidação do domínio evangélico no Rio de Janeiro, acompanhado pelo declínio do prestígio social das religiões afro-brasileiras e pelas tentativas de manutenção dos fiéis católicos por parte da Igreja, ganham contornos densos, por meio de histórias de vida, de narrativas familiares e da descrição dos grafites que podem ocupar os muros do Acari. Nesses muros, por exemplo, onde antes havia pinturas de santos, de entidades do candomblé e referências às drogas, passou a haver inscrições com trechos bíblicos. Valendo-se dessa ampla diversidade de dados, que descreve a minúcia das transformações dos símbolos e das expressões do sagrado naquele cotidiano, Christina Vital cria o fio condutor para analisar uma de suas preocupações centrais: as transformações na forma de controle do tráfico local.

Conforma-se, assim, a articulação dos dois eixos paralelos de mudança que tematizam e mobilizam todas as reflexões em *Oração de traficante*: de um lado, os deslocamentos dos vínculos religiosos dos moradores do Acari; de outro, as modificações na dinâmica de organização do tráfico. Essa arquitetura narrativa está sustentada pela questão de partida da pesquisa – que, a bem da verdade, vai ganhando novos matizes conforme o livro avança –, “quais os mecanismos empregados por moradores de favelas para experimentarem segurança mesmo em um cotidiano marcado pelas constantes quebras de rotina” (p. 39-40).

Parece evidente, diante de uma questão como essa e tendo em vista os eixos centrais da obra, a possibilidade de conceber os vínculos religiosos como modalidade de criação de redes de proteção por parte dos moradores e as mudanças no modo de controle do tráfico como determinantes para a maior ou menor segurança dos moradores. E é nesse ponto que a estrutura do texto de Vital adquire complexidade, na medida em que, pela etnografia, essas associações são ponderadas, ganham novos contornos e são apresentadas a partir de conexões nada evidentes. Assim, a autora parte dessa pergunta para destrinchá-la a partir de uma ampla rede de conexões que articula: a conversão de traficantes, a moral religiosa, a sensação de segurança, as relações dos moradores

com o tráfico e as políticas de Estado para as áreas de favela. Importa destacar como essas variadas conexões acompanham aquilo que a literatura já havia indicado, mas também apontam um novo horizonte de questões. Afinal, como bem sintetizou Regina Novaes: “outros estudos já haviam mostrado que a conversão ao pentecostalismo poderia ser um expediente socialmente legitimado para ‘sair do crime’. Este estudo demonstra como esta mesma vertente religiosa pode contribuir para, digamos, ‘ficar no crime’. Ou – ao menos – nos faz pensar *como e por que* no Brasil de hoje o pentecostalismo pode ‘estar’ entre traficantes.”¹

Organizado em nove capítulos e dividido em três partes, o livro em questão articula um amplo conjunto de perspectivas teóricas heterogêneas que, vistas em perspectiva, explicitam a própria trajetória da autora que dialoga e se pauta por referenciais caros à antropologia e à sociologia. A apresentação, por exemplo, é iniciada com uma reflexão sobre o ensaio *A prece*, de Marcel Mauss, enquanto a introdução, apenas algumas páginas depois, termina com uma sofisticada resenha de obras sociológicas de autores como Anthony Giddens e Niklas Luhmann sobre segurança, modernidade e risco.

A primeira parte do livro, intitulada “O campo de pesquisa”, concentra dois capítulos que delineiam as características sociais e demográficas das favelas pesquisadas. Essa apresentação da “realidade empírica”, no entanto, é alçada a um plano reflexivo-analítico na medida em que é descrita a partir de tensionamentos com pelo menos dois desafios teóricos. O primeiro é o de compor a narrativa sobre as favelas escapando de princípios que teriam caracterizado as pesquisas sobre esses espaços no Brasil, sendo eles: a ideia da especificidade da favela, que trata esses espaços como absolutamente singulares e específicos; a noção de que os territórios de favela seriam o *locus* da pobreza na cidade; a concepção da unidade da favela. Tais princípios teriam legado um prejuízo para os estudos desses espaços, inibindo análises que contemplassem a diversidade interna e externa às favelas em sua plenitude.

O segundo desafio teórico que tensiona essa primeira parte é, sobretudo, de cunho ético. Afinal, pergunta a autora, “como revelar situações, posicionamentos, crenças, afetos que contribuam para ‘poluir moralmente’ os moradores de favelas, já que me posiciono politicamente em favor de ‘limpá-los’

¹ Comentário na orelha do livro *Oração de traficante*.

e fortalecê-los politicamente?” (p. 51). E ainda: “Como tratar as informações ‘negativas’ que o campo me trouxe a respeito das ações evangélicas nas favelas, se percebo que ser evangélico é um identidade acionada constantemente pelos pobres, de modo geral, e pelos favelados, em particular, para serem ‘positivamente’ vistos na sociedade?” (p. 51). Embora essas questões permaneçam latentes ao longo do texto e não sejam explicitamente retomadas, é possível arriscar a afirmação de que a saída encontrada por Vital é metodológica e ocorre a partir da constante explicitação de seu lugar de fala e da inevitável parcialidade das escolhas narrativas que assume. Em alguma medida, o procedimento indica como o conjunto de situações apresentadas é, antes de tudo, resultado de um esforço analítico e não existe fora dele. A narrativa, nesse caso, não simplesmente descreve realidades sociais, mas, sobretudo, as cria. Ou, acompanhando os comentários de John Law (2004), trata-se de dar visibilidade ao fato de que etnografias são atos políticos.

A segunda parte do livro, “Laços e redes de proteção”, insere dois conjuntos de problemas no texto. Primeiro, o da relação entre “pertencimento” (à família, à Igreja, ao movimento social) e segurança. Para tratá-lo, a autora recorre a duas trajetórias de vida de pessoas que construíram suas redes de pertencimento de modos diversos. Ao descrevê-las, Christina Vital é capaz de, a um só passo, desfazer a hipotética ideia durkheimiana de que laços de pertencimento produzem vínculos de solidariedade, resultando, por fim, em redes de proteção. Em contrapartida, a aposta da autora é por demonstrar como diferentes formas de pertencimento produzem, situacionalmente, distintas formas de redes de proteção. Nos casos descritos, por exemplo, fica evidente como a capacidade de proteção dos laços de pertencimento variam conforme ocorrem mudanças nas formas de organização do tráfico.

Ainda na segunda parte do livro, outro conjunto de problemas que se destaca é o das formas pelas quais as lideranças religiosas lidam com os traficantes e, ao mesmo tempo, que os traficantes lidam com a presença religiosa, sobretudo pentecostal, na favela. A aproximação dos religiosos com os traficantes está descrita a partir de um paralelismo entre a posição assumida pelos católicos e pelos evangélicos. As atitudes de aproximação e de afastamento que essas lideranças assumem não são tratadas por Vital na chave do voluntarismo do sujeito religioso, mas, pelo contrário, elas são conectadas com o modelo de estrutura eclesial das igrejas em questão, suas modalidades rituais e de acolhimento. Assim, a autora explicita, por exemplo, como a perspectiva

teológica e doutrinária dos evangélicos pentecostais – “perspectiva essa que compreende o mundo (categoria que expressa a oposição entre o Bem e o Mal) como lugar da guerra; que fala do inimigo; do chamamento ao ‘exército do Senhor’; que ritualmente lança mão de arroubos emocionais e de um linguajar bélico – se comunica muito bem com o próprio *ethos* dos moradores de favelas, entre eles os bandidos” (p. 187). E a estrutura hierárquica e legitimidade histórica da Igreja Católica, por sua vez, estabeleceria um lugar singular para o padre na mediação de conflitos entre traficantes e moradores, por exemplo.

Por fim, a terceira e última parte do livro retoma as questões disparadoras da pesquisa, apresentadas na introdução. Ao longo de quatro capítulos, a autora retoma os dois eixos centrais da obra – as mudanças nas formas de pertencimento religioso e as transformações nos modos de controle do tráfico – e explicita como, empiricamente, eles se relacionam. Em alguma medida, a síntese dessa ênfase narrativa está explicitada no próprio título da terceira parte, “Traficantes (e) evangélicos”. O que importa nesse título é principalmente a conjunção “e”, que ora faz visível as relações de descontinuidade (e tensão) entre o tráfico e os evangélicos, ora desaparece e transforma “evangélicos” em adjetivo para os traficantes convertidos. É a etnografia da ideia contida nesse jogo de palavras o que ocupa substancialmente a terceira parte do livro.

O livro de Christina Vital torna, como poucos o fazem, as discussões especializadas sobre o tema que aborda em debate pertinente para o campo mais geral da antropologia e da sociologia no Brasil. Ao fim da leitura resta a certeza que os anos que separam a defesa da tese que originou a obra e sua publicação em forma de livro não tornaram o material desatualizado, mas, pelo contrário, fizeram dele um texto fundamental para compreendermos melhor as transformações da última década nas periferias cariocas.

Referências

- LAW, J. *After method: mess in social science research*. London: Routledge, 2004.
- LEIRIS, M. Le sacré dans la vie quotidienne. In: HOLLIER, D. (Éd.). *Le Collège de Sociologie*. Paris: Galimard, 1995. p. 94-119.